



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

CIDADES IMAGINÁRIAS: QUANDO AS CIDADES PROJETADAS E AS CIDADES INVISÍVEIS SE ENCONTRAM

MARCOS VINÍCIUS BOHMER BRITTO¹

Resumo: Nas duas últimas décadas, houve uma concatenação de investimentos visando a construção de grandes empreendimentos urbanos no território africano. Esses empreendimentos são apresentados sob a forma de novas cidades que surgem em ambientes não urbanizados, reunindo narrativas de promessa de uma nova África, unida, moderna, inventiva e urbanizada. São cidades imaginadas e projetadas como grandes centros urbanos dotados de alta tecnologia e todo o conforto e vantagens imagináveis que uma cidade cosmopolita possa disponibilizar. No entanto, em uma análise mais atenta, essas cidades escondem questões que fogem ao discurso que as promove, e que merecem ser discutidas: elas são financiadas com capital estrangeiro, causam segregação social, problemas ambientais e de outras ordens. Reconhecendo a natureza de proposição quase fictícia desses empreendimentos, este artigo propõe descrevê-los com semelhante característica, entendendo que toda ficção está carregada de realidades ontológicas. Entendo que a narrativa assumidamente fictícia possibilita refletir sobre uma questão social sem se restringir a apenas uma única realidade específica, criticando e apontando questões sobre suas narrativas, conformação formal e segregação espacial que não estão presentes no discurso de venda desses empreendimentos. Nesse contexto, o objetivo deste ensaio é o de fazer uma crítica a esses projetos através da criação de narrativas fictícias, em que se vai utilizar como referência e inspiração, o livro “As cidades Invisíveis”, de Ítalo Calvino. Além disso, serão incorporados conceitos, críticas e ideias de filósofos africanos e afro-diaspóricos.

Palavras-chave: Cidades africanas, megacidades, Cidades Invisíveis

1. INTRODUÇÃO

Desde o início do século XXI, iniciou-se um movimento interessante no território africano: empresas, incorporações e governos passam a implementar projetos para a criação de cidades ousadas sob o ponto de vista tecnológico, construtivo e imagético. Essas cidades são planejadas como ações específicas, reunindo discursos bastante peculiares sobre seu território. Esses projetos são geralmente apresentados como uma promessa de uma nova África, unida e liberta, que vai atingir sua independência - sob ponto de vista econômico - através da modernização e inovação. No entanto, essas cidades fazem parte de um modelo de urbanismo neoliberal, em sua maioria, financiadas com capital estrangeiro e que se apoiam nestes discursos para promover seu investimento. As ideias de de unificação do continente sob uma imagem comum já foram preconizados no ideário do pan-africanismo, teorizado por autores como DECRAENE, 1962; KODJO, CHANAIWA, 2010; NKRUMAH 1977a; GARVEY, 2013; DU BOIS, 1998; cada um com seu enfoque específico - religião, cultura, economia, etc-. Neste sentido, os agentes

¹ Doutorando no PPG-AU, UFBA. marcosbritto.arq@gmail.com.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

promotores dessas cidades utilizam extratos desse discurso para fins propagandísticos de promoção dessas cidades, que encobrem uma relação de dependência com o mercado financeiro externo.

O procedimento de criação de cidades ditas globais, com suas narrativas, com seus métodos e procedimentos de venda e convencimento da população têm demonstrado se repetir nos diversos empreendimentos que estão sendo implantados na África. Identificando esse padrão de repetição, entende-se que alguns questionamentos devam ser levantados. O primeiro é se a criação desses empreendimentos urbanísticos proporcionará condições para que eles se tornem verdadeiros impulsionadores da economia africana. O segundo é se perguntar qual o impacto social, ambiental e econômico que esses empreendimentos, atendendo ou não ao seu objetivo anunciado, causarão. O terceiro é, ao analisar a factibilidade desses empreendimentos, se eles não seriam uma criação fictícia de seus propositores, mas que irresponsavelmente estão sendo materializadas na África, visando atender às intensões individuais de seus propositores. Na busca por respostas ou até mesmo por mais perguntas, e reconhecendo a natureza de proposição quase fictícia desses projetos, este ensaio vai tentar descrevê-los de igual maneira, criticando e apontando questões sobre as narrativas, conformação formal e segregação espacial desses empreendimentos, e assumindo os riscos dessa abordagem.

O teórico alemão de literatura comparada Wolfgang Iser defendia a ideia de que toda ficção contém elementos do real. Conforme o autor, a distinção antes feita em forma de oposição entre o que é ficção e realidade não serviria para as descrevê-las.

“Se os textos ficcionais não são todos isentos de realidade, parece conveniente renunciar esse tipo de relação opositiva como critério orientador para a descrição dos textos ficcionais, pois as medidas de mistura do real com o fictício, neles reconhecíveis, relacionam com frequência elementos, dados e suposições.” (ISER, 2002, p. 957).

Mas para além de repensar a natureza dualista entre real e ficção, o texto ficcional tem elementos do real que não se esgotam na descrição deste único real. “Há no texto ficcional muita realidade que não só deve ser identificável como realidade social, mas que também pode ser de ordem sentimental e emocional.” (ISER, 2002, p.958). Iser



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

argumenta que a criação de imagens fictícias derivam da interpretação de realidades baseadas em repetições, ou seja, sem se esgotar em apenas uma referência do que é entendido como real. O ato de produzir ficção seria então o ato de provocar a repetição no texto da realidade vivencial, por esta repetição atribuindo uma configuração ao imaginário, e criando uma realidade repetida, produzindo finalidades que não pertencem a realidade repetida. (ibid)

A ficção é então guiada pelo esforço de que ela própria não se converta nos objetos daquela “realidade” que representam. No entanto, o texto ficcional contém muitos fragmentos identificáveis da realidade que, através da seleção, são retiradas tanto do contexto sociocultural, quanto da literatura prévia do texto. Dessa forma, a comparação entre uma criação ficcional e uma criação ontológica do que se entende como real é na verdade uma análise da possibilidade dessa repetição de realidade, que é a base referencial para o próprio ato de ficção. Ou seja, o texto ficcional pode nos ajudar a entender um processo de repetição que é baseado numa interpretação social da realidade. Essa repetição pode, portanto, transcender ao texto ficcional e ajudar a entender a própria realidade social na qual o texto é criado (ISER, 2002). Daí se dá a importância de sua relação.

Assim, a fim de colocar em discussão a atribuição de significados a diferentes espaços urbanos, bem como elucidar novos olhares sobre o tema que ainda não surgiram, o objetivo deste artigo será o de fomentar a reflexão sobre a criação dessas cidades. O meio escolhido para tal tarefa é através de uma descrição fictícia que é baseada e se confunde com os dados retirados do discurso de promoção, bem como da repercussão que essas cidades já apresentam. Para isso, tentarei relacionar as ditas "cidades globais" em África com ideias de filósofos africanos e afro-diaspóricos, dentro de uma narrativa fictícia inspirada e permeada pelo livro “As cidades Invisíveis”, do escritor Italiano nascido em Cuba, Ítalo Calvino (1923 - 1985).

Em *Cidades Invisíveis* (1972), Calvino conta uma história que se passa no século 13, em que o viajante Marco Polo é enviado pelo imperador dos tártaros, Kublai Khan, para uma expedição com o objetivo de entender melhor seu império. Marco Polo sai para conhecer



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

55 cidades, e ao voltar, apresenta seus relatos ao imperador. Os relatos apresentados em forma de diálogo com o imperador, sempre descrevem as cidades com um tom fantasioso e as vezes místico, que extrapola a realidade, e que entendemos guardar certa semelhança com as propostas dos empreendimentos urbanísticos em África mencionados anteriormente.

Para poder aprofundar melhor nas questões de cada cidade, serão elencadas apenas três desses empreendimentos, chamados "cidades globais". São eles: 1) Le Cité du Fleuve, situada na República Democrática do Congo; 2) Eko Atlantic City, na Nigéria; 3) Safari City, localizada na Tanzânia.

2. A IMAGINABILIDADE E A ARTE DE VENDER CIDADES

Do mesmo modo que as cidades invisíveis não estão materializadas, as cidades em África ainda não estão construídas. Algumas estão em processo de implementação, enquanto outras ainda estão em fase de projeto. Dito de outra forma, existe uma dimensão em comum entre elas: suas narrativas são produtos da imaginação, criações do desejo representados através de imagens, mentais no caso de Ítalo, visuais no caso das cidades africanas aqui tratadas.

O urbanista estadunidense Kevin Lynch, defendia a ideia de que toda imagem carrega uma identidade, uma estrutura e um significado. O autor tratava a ideia de imaginabilidade como um conjunto de representações mentais comuns sobre o conjunto de uma cidade, zona ou local. A imaginabilidade seria “a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador” (LYNCH, 2006, p. 11). A partir de características formais e essencialmente visuais, esta imagem seria forte o suficiente para impor-se na percepção e na memória do observador. (LYNCH, 2006).

Sobre isso, o arquiteto Finlandês Juhani Pallasmaa (2011) faz uma crítica ao modo como esse conceito vem sendo implementado, e indica que cada vez mais a imageabilidade (ou imaginabilidade) vem sendo utilizada como um artigo de venda, criada por



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

especialistas em marketing e usada com objetivos meramente econômicos. “Em vez de uma experiência plástica e espacial embasada na existência humana, a arquitetura tem adotado a estratégia psicológica da publicidade e da persuasão instantânea” (PALLASMAA, 2011, p. 29). Essa utilização da imageabilidade como estratégia de venda é uma das características principais nos empreendimentos que estamos analisando. Como veremos a seguir, as Cidades Globais em África parecem utilizar-se da forma para a criação de significados que sensibilizem parte da população.

3. O ENCONTRO ENTRE AS CIDADES GLOBAIS E AS CIDADES INVISÍVEIS

Antes de iniciar a apresentação das três Cidades Globais elencadas, gostaria de demonstrar algumas relações que podem ser feitas com as cidades invisíveis de Calvino. Estes três empreendimentos urbanísticos específicos são atravessados por um processo de exotização do território africano. Este modo de representação do território já é comum ao mercado ocidental, de modo que é difícil imaginar um filme, livro ou videoclipe que fale de África e se utilize desses gatilhos visuais, como pôr do sol, a água, os animais da savana africana, etc.² Para dar força a este discurso dessas novas cidades africanas, as cidades são concebidas sob essas imagens.

Assim como nas cidades africanas, Ítalo Calvino também se utilizava da criação de imagens fortes atribuídas às suas cidades invisíveis. Cada grupo de cidades era conduzido por um tema específico que a identificava. Entre essas categorias, estão “A cidade e os desejos”, “A cidade e os olhos”, “A cidade e os mortos”, “As cidades delgadas”, etc. Cada uma dessas categorias está relacionada à características intrínsecas da narrativa que Marco Polo conduzia para descrever estas cidades. Mas cada uma tem, dentro do que podemos chamar de categoria geral, uma característica específica. A cidade do Rio, por exemplo, foi construída sobre o Rio do Congo; ao passo que a cidade Ekoatlântica foi construída sobre o oceano atlântico. E a Safari City, sobre a savana, com o propósito de se tornar um safari. Dessa forma, Irei identificar sua

² Exemplos claros dessa relação são os filmes “The African Queen” (1951), “Lara Croft: Tomb Raider – The Cradle of Life” (2003), “Invictos” (2009), “Mandela e a luta pela liberdade” (2007) e “Pantera negra” (2018), por exemplo.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

narrativa a partir dessa relação: A cidade e o Rio, A cidade e o Mar, A cidade e a Terra. Como qualquer parque temático, condomínio fechado ou empreendimento imobiliário de grande porte, essas cidades foram batizadas com nomes temáticos. Sendo assim, mantivemos os nomes originais, apenas traduzido os mesmos. Apesar de no ano de 2019 as cidades ainda estarem em um processo de implementação, para fins de narrativa, se considerará como se elas estivessem construídas, tais como anunciadas em seus projetos.

3.1. A CIDADE E O RIO: LA CITÉ DU FLEUVE

Figura 1: A implementação da Cidade do Rio



Fonte: <http://www.lacitedufleuve.com/>

A Cidade do Rio carrega esse nome porque tudo nela está relacionado ao rio que cedeu espaço para que ela existisse, o Rio do Congo. Por sua conformação insular nas proximidades da capital Kinshasa, o rio dita também as regras de quem pode ou não acessar a cidade. O acesso físico à cidade é possível de duas maneiras: via barco pelo rio, ou então por via terrestre, através de uma de suas três pontes. Mas se fosse apenas isso, ela não seria uma das cidades globais. Para ter a permissão do rio para acessar a Cidade do Rio, também é necessário estar dotado de um status socioeconômico elevado. Apenas as pessoas que contemplem essas duas condições de acesso, a física e a subjetiva, é que estão autorizadas para disfrutar da cidade. Reza a lenda que quem tem seu acesso negado pelo rio, se transforma automaticamente em um condenado da terra, e “os condenados da terra estão fadados a viver nas encostas, criando uma cidade faminta, acororada, ajoelhada, acuada.” (FANON, 1968, p.28).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

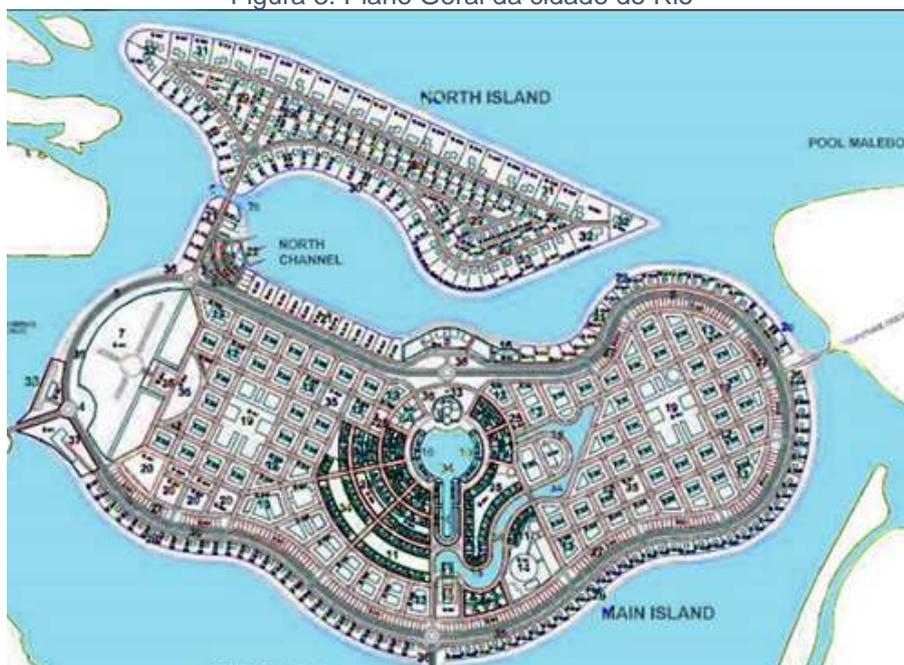
Figura 2: Segregação social: os condenados da terra.



Fonte: <https://allafrica.com/view/photoessay/post/post/id/201603300001.html>. Modificado pelo autor para este trabalho

Uma vez que o indivíduo for autorizado para acessar a Cidade do Rio, verá “uma cidade sólida, toda de pedra e ferro. É uma cidade iluminada, asfaltada, onde os caixotes de lixo regurgitam de sobras desconhecidas, jamais vistas, nem mesmo sondadas” (FANON, 1968, p. 281 - 282). Na medida em que se vai aproximando de seu centro, a altura das construções vai aumentando e convergindo, até o momento em que se deparará com uma concentração de torres e edifícios conformando o perímetro de um lago central.

Figura 3: Plano Geral da cidade do Rio



Fonte: <http://www.lacitedufleuve.com>

A vitalidade da cidade está neste lago, pois é ali que se concentram as principais atividades da cidade, como comércios, serviços. Os moradores mais prestigiados da



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

cidade do Rio, a consideram a cidade dos justos. No entanto, é sabido que “na origem da cidade dos justos está oculta, por sua vez, uma semente maligna; a certeza e o orgulho de serem justos e de sê-lo mais do que tantos outros que dizem ser mais justos do que os justos” (CALVINO, 2012, p.70). A Cidade do Rio, no entanto, esconde uma cidade injusta que germina em segredo na cidade dita justa: “trata-se do possível despertar – como um violento abrir de janelas – de um amor latente pela justiça, ainda não submetido a regras, capaz de compor uma cidade ainda mais justa do que era antes de se tornar recipiente de injustiça. Mas, se se perscruta ulteriormente no interior deste novo germe de justiça, descobre-se uma manchinha que se dilata na forma de crescente inclinação a impor o justo por meio do injusto” (CALVINO, 2012, p.70). E assim se constrói uma relação entre o justo e o injusto, que se encontram todos os dias, um olhando para o outro, cada um do seu lado do rio.

3.2. A CIDADE E O MAR: EKO ATLANTIC CITY

Figura 4: A cidade Ekoatlântica Vista de cima



Fonte: <https://edition.cnn.com/2015/08/10/africa/eko-atlantic-gbenga-oduntan-conversation/index.html>

A cidade Ekoatlântica tem esse nome por ter sido construída sob o Oceano Atlântico. Ela foi concebida a partir da vaidade de seus donos, que querem, cada à sua maneira, mostrar a superioridade da sua própria solução tecnológica. Nessa competição não declarada, a disputa estará na criação da solução tecnológica que mais vai contribuir



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

pela para o meio ambiente, o meio ambiente, mesmo que pra isso tenha que causar um desastre ambiental. Isso faz da cidade Ekoatlântica, um verdadeiro catálogo de soluções tecnológicas com apelo ecológico. Seus habitantes cultivam duas virtudes que devem ser reconhecidas: “a confiança em si mesmos e a prudência. Convictos de que cada inovação na cidade influi no desenho do céu, antes de qualquer decisão calculam os riscos e as vantagens para eles e para o resto da cidade e dos mundos.” (CALVINO, 2012, p.64).

Figura 5: Distrito da Marina, com seus edifícios ao redor do canal.



Fonte: <https://www.ekoatlantic.com/>

Os moradores da região próxima à cidade Ekoatlântica reclamam que a construção da mesma causou erosões na costa e elevação do oceano³, mas os donos da cidade Ekoatlântica garantem que já estão desenvolvendo uma solução para estes problemas, que será disponibilizada à um preço justo! Entre as soluções que já estão sendo implantadas, estão as tecnologias para se obter água potável; a criação de elementos e componentes eletrônicos a partir de minérios que não estão ali. Essa diversidade de soluções fez com que a cidade Ekoatlântica fosse segmentada por diversos distritos, que identificavam as intenções criativamente ecológicas de seus criadores.

³ Informação baseada em notícia de 2012 disponível no site [allafrica](https://allafrica.com/stories/201202100540.html) : <https://allafrica.com/stories/201202100540.html> acesso em 26/08/2019



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Figura 6: Setorização da Cidade e agrupamentos de zonas



Fonte: <https://www.ekoatlantic.com/>

Seus donos acreditam que suas soluções de sustentabilidade urbana e suas novas tecnologias se tornarão um modelo de cidade a se seguir para que o continente africano seja modernizado. Quem tiver dinheiro para acompanhar essa modernização, é digno de morar na cidade Ekoatlântica. Para exaltar essa civilidade, um de seus donos criou as Eko Pearl Towers, que são torres que oferecem uma base ideal para a vida doméstica, com tudo o que se espera do conforto e conveniências do século XXI, e ainda com vista para o mar. “A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte, e, uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de resistir nesse desejo e se satisfazer (CALVINO, 2012, p.8).

Seus edifícios e moradias já são construídos para seguir “a lógica do recinto fechado”⁴ através da imagem futurista de progresso e civilidade para a classe média em constante crescimento, ávida por inovações tecnológicas que substituirão as tecnologias antigas. Em vista disso, é prudente se perguntar se a verdadeira paixão da cidade Ekoatlântica é de fato, como dizem, “o prazer das coisas novas e diferentes, e não o ato de expelir, de afastar de si, expurgar uma impureza recorrente” (CALVINO, 2012, p.48). Na medida em que novas tecnologias surgem, as tecnologias antigas são jogadas fora, de modo que

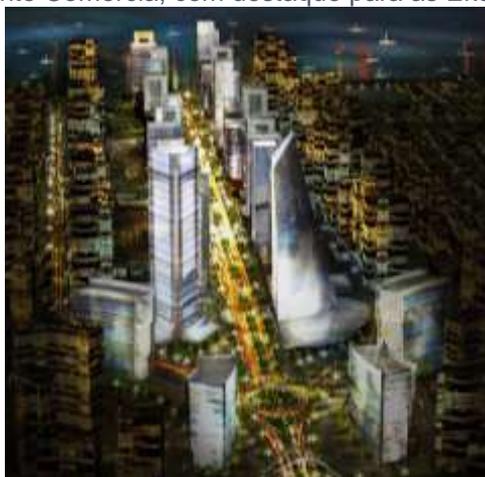
⁴ A lógica do recinto fechado é um Termo cunhado por MBEMBE (2014 p.70), referenciando a lógica de codificação, classificação e racialização de grupos de populações, fixando limites de onde esses grupos podem circular e os espaços que podem ocupar.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

"os lixeiros são acolhidos como anjos e sua tarefa de remover os restos da existência do dia anterior é circundada de um respeito silencioso, como um rito que inspira a devoção, ou talvez apenas porque, uma vez que as coisas são jogadas fora, ninguém mais quer pensar nelas." (CALVINO, 2012, p.48).

Figura 7: Distrito Comercial, com destaque para as Eko Pearl Towers



Fonte: <https://www.ekoatlantic.com/>

3.3. A CIDADE E A TERRA: SAFARI CITY

Figura 8: A Cidade Safari



Fonte: <https://www.thesafaricity.com>

A cidade Safari foi construída a partir de uma iniciativa da Corporação Nacional de Habitação do governo da Tanzânia com a ideia de criar um safari do tamanho de uma cidade. Isso atraiu muitas pessoas do mundo inteiro, interessadas em morar nesse safari



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

moderno, que foi projetado para lidar com todo tipo de problemas que um safari pode ter que lidar, como insetos e pragas. Porém, por estar inserido em meio à savana, “para cada inimigo desbaratado, surgia um novo que ameaçava a sobrevivência dos habitantes. Depois de expulsar os condores do céu, foi necessário enfrentar a proliferação das serpentes; o extermínio das aranhas permitiu que as moscas se multiplicassem e negrejassem; a vitória sobre os cupins deixou a cidade à mercê das traças. Uma a uma, as espécies incompatíveis com a cidade sucumbiram e foram extintas” (CALVINO, 2012, p.68).

Mas a Cidade Safari não é apenas uma cidade e um safari, mas uma cidade moderna que solucionaria os problemas das cidades vizinhas, pressupondo um forte diálogo entre o urbano e o rural, e tendo sempre como plano de fundo e inspiração, os montes Kilimanjaro e Meru.

Figura 9: Unidades habitacionais



Fonte: <https://www.thesafaricity.com>

A cidade tem um sistema de zoneamento que utiliza recursos naturais como elemento divisor de zonas residenciais diferentes, causando uma separação muito clara e de seu



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

zoneamento monofuncional. Com o passar do tempo, a cidade foi cada vez mais se fechando em si mesma, já que era mais seguro estar dentro da cidade para disfrutar de uma experiência de safari. “A cidade, grande cemitério do reino animal, fechou-se asséptica sobre as últimas carniças enterradas com as últimas pulgas e os últimos micróbios. O homem finalmente havia restabelecido a ordem do mundo que ele próprio transtornara: não existia nenhuma outra espécie viva para recoloca-lo em dúvida.” (CALVINO, 2012, p. 68 – 69).

4. APONTAMENTOS SOBRE A REALIDADE FICTÍCIA

Ao estabelecer relações entre esse fenômeno de criação das cidades globais em África, cidades invisíveis de Ítalo Calvino e concepções teóricas de filósofos africanos e afro-diaspóricos, foi possível imaginar situações instigantes. O discurso de promoção das cidades globais em África, foi possível fazer relações muito interessantes. Calvino categoriza suas cidades por temáticas bastante específicas: a cidade e o desejo, a cidade e o céu, a cidade e os mortos, etc. Se tivéssemos que criar uma nova categoria para as cidades Globais em África, sugeriria "A cidade e o capital neoliberal". A narrativa sobre as cidades globais em África, enfatizando características que seus próprios criadores utilizam como argumento de venda, parecem se encaixar perfeitamente. É notório o fato de que as fantasias imaginadas por Ítalo, que por vezes inferem sentimentos até cruéis, servem para pensar parte do que são as cidades globais projetadas em África. Teria Ítalo Calvino previsto, mesmo sem que fosse a sua intenção, de que o urbanismo neoliberal desenfreado fosse criar tal projetos, carregados por suas categorias? As questões se tornam centrais quando analisadas também sob o olhar das ideias dos filósofos africanos e afro-diaspóricos, que teorizam sobre os problemas e questões próprias do continente africano. Se por um lado, as corporações e governos se apropriam de uma distorção da ideia de unicidade e libertação que pregava o pan-africanismo em seu discurso e na construção imagética e formal dessas cidades, por outro, elas revelam questões de raciais embutidas no pensamento de Fanon, por exemplo.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Se, por exemplo, *Le Cité du Fleuve* (A Cidade do Rio) é vendida como um modelo de distinção de lugar para morar, ela também estigmatiza e cria a condição de injustiça traduzida na segregação das pessoas que não podem ocupar este espaço. É um modo de produzir cidade que passa pelas categorias Cidade e os Desejos e Cidade e os Mortos de Ítalo. A exploração do desejo da classe média de não se misturar é tão forte que o Rio do Congo foi utilizado para fazer a separação física dessas duas realidades de maneira semelhante como é feito nos diversos condomínios fechados. Somado a isso, se encontra o desejo de esconder e atribuir seus problemas, de se autodeclarar justo e impor o justo por meio do injusto, de deixar seu lixo para a maior parcela da população, que jamais poderá disfrutar deste espaço construído sobre seu próprio solo.

A *Eko Atlantic City* (A Cidade Ecoatlântica) é mais um exemplo de como a tecnologia interfere nas relações pessoais e interpessoais. A tecnologia está mais uma vez sendo o foco central para a promoção de qualidade de vida, quando essa mesma tecnologia afasta as pessoas. Em não tendo mais laços e relações pessoais, o individualismo reina, atuando como um atenuador de empatia para com o próximo. Esse individualismo tem como objetivo a criação um consumidor que não precisa mais das outras pessoas, pois tem toda a tecnologia à disposição para o seu conforto.

De um modo geral, essas cidades, apesar de justificarem sua implantação com base numa ideia de prosperidade, criam uma gama de cidades e um modo de morar e de ser no mundo ocidentalizados e voltados ao capital. Não são cidades projetadas para a maior parte da população, mas para população que poderá contribuir para um acúmulo de um capital que não beneficiará o povo africano.

Por fim, cabe salientar que este ensaio de literatura comparada não teve a pretensão de formular uma única e maquiavélica visão sobre as cidades globais que estão sendo implantadas em África, mas fomentar a reflexão e apontar novos olhares para a questão destas cidades. Afinal, como diria o próprio Marco Polo, “Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve.” (CALVINO, 2012, p.27).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, edição 2012

DECRAENE, Philippe. **O Pan-Africanismo**. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1962.

DU BOIS, William Edward B. **As Almas do Povo Negro**. Porto Alegre: Zero Hora, 1998.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño**: La realización de lo comunal. Traducción: Cristóbal Gnecco. Buenos Aires: Tinta Limón, 2017.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA – CEAO, 2008.

GARVEY, Marcus Mosiah. **Estrela Preta**. Rio de Janeiro: Benjamim, 2013.

ISER, Wolfgang. **Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional**. Trad. Luiz Costa Lima. In: COSTA LIMA, Luiz. Teoria da literatura em suas fontes. 3ªed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002. v. II.

LYNCH, Kevin. **A imagem da Cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 3. tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MBEMBE, Achille. **Crítica a Razão Negra**: Ensaio sobre o racismo Contemporâneo. Lisboa: Antígona, 2014.

MEREDITH, Martin. **O Destino da África**. Cinco Mil Anos de Riqueza, Ganâncias e Desafios. São Paulo: Zahar, 2017.

NKRUMAH, Kwame. **A África deve unir-se**. Lisboa: Ulmeiro, 1977a.

OECD. **Perspetivas económicas em África 2016**: Cidades sustentáveis e transformação estrutural. Lisboa: Instituto Camões, 2016.

KODJO, Edem; CHANAIWA, David. **Pan-africanismo e libertação**. In: MAZRUI, Ali. A (Org.). **História Geral da África**. Brasília: UNESCO, 2010, p.909-936. (Vol.VIII – África desde 1935).